

tens coragem?
megan abbott

Tradução de José Saraiva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para os meus pais, que me ensinaram a ambição

*A maldição do inferno no suave sobressalto
Que pôs o Capitão finalmente fora de combate
E lhe tirou as vermelhíssimas vísceras do coração
E fez os milhafres afiarem os bicos claque claque.*
— John Crowe Ransom

Prólogo

— *Aconteceu uma coisa, Addy. É melhor vires cá.*

O ar está pesado, nevoento, fino. São quase duas da manhã e eu estou no cume do precipício, de dedo colado ao botão prateado: 27-G.

— *Despacha-te, por favor.*

O intercomunicador zzzumbe e a porta faz um ruído oco, e eu entro.

À medida que caminho pelo átrio, o zumbido continua, e as paredes envidraçadas vibram.

Como na simulação de tornado na escola básica, Beth e eu apertadas muito juntas, comprimindo ganga contra ganga. O som da nossa própria respiração. Antes de termos todos deixado de acreditar para sempre que tornados, ou qualquer outra coisa, pudessem atingir-nos.

— *Não consigo olhar. Quando cá chegares, por favor não me obrigues a olhar.*

No elevador, durante toda a subida, as minhas pernas a vacilarem por baixo de mim, 1-2-3-4, os números brilham, incandescentes.

O apartamento está às escuras, uma única lâmpada de halogéneo no chão projeta luz no canto mais distante.

— *Tira os sapatos* — diz ela, de voz pequenina, os braços, como uma fúrcula, a balançarem de um lado e doutro.

Estamos no vestíbulo, que comunica com uma pequena sala de jantar, a mesa lacada como um charco de tinta negra.

Logo a seguir fica a sala de estar, demarcada por uma composição de sofás de pele ligados por fechos negros, apertando-se como se fosse sobre o meu peito.

O cabelo escorrido, o rosto branco. A cabeça dela parece oscilar nesta e naquela direção, afastando o olhar, não querendo dirigir-me os seus olhos.

Não acho que queira os olhos dela.

— *Aconteceu alguma coisa, Addy. Uma coisa má.*

— O que está além? — perguntei por fim, olhar fixo no sofá, a sensação de que está vivo, a sua pele negra elevando-se como a carapaça de um besouro.

— O que é? — digo, elevando a voz. — Está alguma coisa ali por trás?

Ela não vai olhar, que é a forma de eu saber.

Primeiro, os meus olhos descem para o chão, e eu vejo um reluzir de cabelos entrelaçados na trama do tapete.

Depois, avançando, vejo mais.

— Addy — sussurra ela. — *Addy... é como eu pensei?*

1

QUATRO MESES ANTES

Após um jogo, demora-se meia hora debaixo do chuveiro para tirar toda a laca. Despegar todas as lantejoulas. Desenterrar até ao último, os ganchos aninhados sob os cabelos.

Por vezes fica-se imenso tempo debaixo do jorro quente, a olhar para o corpo, a contar cada nódoa negra. A tocar em todos os lugares macios. A ver o remoinho aos nossos pés, o rodopio do resplendor. Como uma sereia a perder as escamas.

Na verdade, está-se apenas a tentar que o coração abrande.

Pensa-se: Este é o meu corpo, e consigo que ele faça coisas. Posso fazê-lo girar, virar-se, voar.

Depois, fica-se diante do espelho embaciado, as madeixas lilases desfeitas, as pestanas desluzidas. E somos apenas nós, ali, e não nos parecemos com ninguém que se tenha visto antes.

Aliás, não nos parecemos com ninguém mesmo.

A princípio, fazer claqué era algo para encher os meus dias, todos os nossos dias.

Dos catorze aos dezoito, uma miúda precisa de alguma coisa para matar todo esse tempo, todo esse formigueiro de uma espera que não acaba, hora a hora, dia a dia, por alguma coisa — qualquer coisa — começar.

— Há algo de perigoso no tédio das miúdas adolescentes.

A Treinadora disse isso uma vez, numa tarde outonal, há muito tempo, com as folhas afiadas redemoinhando aos nossos pés.

Mas ela disse-o não como a mãe de alguém, ou um professor, ou o diretor, ou, pior do que tudo, um orientador. Ela disse-o como alguém que *sabia*, e compreendia.

Todas aquelas imagens enevoadas de meninas da claqué a fazerem ton-tices nos vestiários, de pompons espalhados sobre os pequeninos seios nus. Todas aquelas fantasias sem fim e sonhos com rapazes maliciosos, é tudo, de certo modo, verdadeiro.

É sobretudo ruidoso e transpirado, é a rudeza dos corpos de menina pisados e amassados, dos pés doridos de pularem com tanta força, a pele vermelha nos cotovelos.

Mas é também uma coisa muito muito bela, todas nós nesse espaço húmido e fechado, o mais seguro do mundo.

Quanto mais o fazia, mais isso me possuía. Fazia com que as coisas tivessem importância. Punha uma coluna vertebral na minha vida invertebrada e essa coluna propagava-se como força de carácter, costelas, clavícula, pescoço bem erguido.

Era qualquer coisa. Não digam que não era.

E a Treinadora deu-nos tudo isso. Antes dela, nunca tivéramos isso. Então querem censurar-me por o querer conservar? Lutar por isso até ao fim?

Foi ela quem me mostrou todas as obscuras maravilhas da vida, a vida real, a vida que eu apenas vira tremeluzir pelo canto do olho. Terei alguma vez sentido alguma coisa até ela me ter mostrado o que significava sentir? Empurrando-me, de punhos cerrados, para os cantos do seu apertado mundo, ela mostrou-me o que significava viver.

Ali estou eu, Addy Hanlon, dezasseis anos de idade, com um cabelo que parecia pasta de caramelo esticada e uma pele tensa como um elástico. Estou no chão do ginásio, a minha Beth a meu lado, sorrisos cor de cereja e pernas morenas do bronzeador, rabos de cavalo a oscilarem em sincronia.

Vejam como os meus olhos se abrem e fecham, como se tudo fosse demasiado para assimilar.

Nunca fui uma daquelas adolescentes com uma máscara na cara, pastilha elástica ao canto da boca, olhos revirados e dando grandes suspiros. Nunca fui essa miúda, nem por sombras. Mas conheci essas

miúdas. E quando ela apareceu, vi todas essas máscaras a descolarem-se.

Somos todas iguais sob a pele, não somos? Todas queremos coisas que não compreendemos. Coisas que nem conseguimos nomear. Uma ânsia tão funda, como um carroto engrenado nos nossos corações.

Por isso olhem para mim ali, no vestiário, antes do jogo.

Estou a escovar o pó, a felpa do forro dos meus alvíssimos ténis. Passados por lixívia com luvas de borracha, tresandando a *Clorox* de fazer cair para o lado, adoro-os. Fazem-me sentir poderosa. Foram os ténis que comprei no dia em que entrei para o grupo.

2

A TEMPORADA DE FUTEBOL AMERICANO

O seu primeiro dia. Todas a fitámos cuidadosamente, de cabeça inclinada. Algumas de nós, talvez eu, até cruzámos os braços sobre o peito.

A Nova Treinadora.

Tantas coisas para assimilar, para considerar e sopesar, sempre inclinadas à troça. A sua altura, pouco passava do metro e sessenta, os pés virados para dentro, o corpo retesado como a pele de um tambor, as clavículas douradas e salientes, a testa alta.

No contorno preciso do seu penteado liso, se olharmos suficientemente de perto, pode-se ver a marca das tesouradas (tê-lo-ia cortado nessa manhã, antes de ir para a escola? Devia estar tão ansiosa), a forma como ergue tanto o queixo, fazendo dele um instrumento para apontar, virando-se nesta e naquela direção, observando-nos. E sobretudo a sua beleza surpreendente, distinta e cantante como um sino. A coisa bateu-nos com força. Mas não seríamos abaladas por ela.

Todas nós, nas calmas, pondo um ar molengão, bolsos e mãos a tagarelarem e a mexerem-se velozes — k idade achas, olha pró apito, k merda é esta —, textos a voarem para a frente e para trás como soluços nos telefones. Não lhe dando a ela nada senão olhos vidrados, ou cabeças pendidas, a tratarem de importantes assuntos telefónicos.

Como deve ter sido duro para ela.

Mas, de pé, ali, direita como um oficial de ordem unida, ela maneja o mais duro olhar de sempre.

Esquadrinhando com os olhos a linha vacilante, ela julga-nos. Jul-

ga-nos a todas, uma por uma. Sinto os seus olhos a retalharem-me — as minhas pernas arqueadas, ou os cabelos esvoaçantes que se me colam ao pescoço, ou como o sutiã me assenta mal, os tiques e comichões que sinto, nunca tão imóvel quanto quero estar. Como ela está.

— O Peixe poderia tê-la engolido inteira — murmura Beth. — Poderiam caber duas destas dentro do Peixe.

Peixe era a alcunha que puséramos à Treinadora Templeton, a última treinadora. Aquela profundamente mergulhada numa meia-idade avançada, com um corpo espesso, sólido, pouco tonificado, redondo e macio, e sempre com os mesmos brincos de ouro, polo de gola mole e ténis de solas grossas e sem graça. As mãos, sempre aconchegadas em volta daquele caderno de espiral muito usado, escrito a lápis numa caligrafia fina, que a servia desde os tempos em que as meninas da claque apenas faziam balançar pompons e erguiam as pernas bem alto, cada vez mais alto. No estilo estala-a-bomba-rebenta-o-foguete.

Com a desafortunada boca flácida à volta do apito, o Peixe passava a maior parte do tempo à secretária, a jogar solitário. Descortinávamo-la através dos estores corridos da janela do escritório, o esvoaçar das cartas a virarem-se. Quase sentia pena dela.

Rendida há muito, assim era o Peixe. À fanfarronice crescente de cada nova turma de raparigas, cada vez mais ousadas, cada uma delas mais respondona e insolente do que a última.

Nós, as raparigas, éramos as suas donas. Especialmente Beth. Beth Cassidy, a nossa chefe.

Eu, sua eterna lugar-tenente, desde os nove anos, uma *claquista* da infantil. O seu braço-direito, a sua *fidus Achates*¹. É o que ela me chama, é o que sou. Todos se inclinam perante Beth e, ao fazê-lo, inclinam-se também perante mim.

E Beth faz o que lhe apetece.

Não havia mesmo qualquer necessidade de treinadora.

Mas agora, isto. Isto.

O Peixe foi subitamente afastado para a pantanosa Florida para cuidar do filho inesperado da sua neta adolescente, e aqui está ela.

A nova.

¹ «Fiel Achates», expressão que na Eneida é usada para designar um amigo próximo de Eneias. [N. do T.]

O apito balança-lhe entre os dedos, como um talismã, um amuleto, e é com ele que ela vai ter de ser considerada.

Não se consegue olhar para ela sem saber isso.

— Olá — diz ela, voz suave mas firme. Sem necessidade de a levantar. Em vez disso, todas se inclinam para a frente. — Sou a Treinadora French.

E a tua mãe é uma cabra, ilumina-se no ecrã do meu telefone, escondido na palma da mão. Beth.

— E estou a ver que temos muito para fazer — diz ela, perscrutando-me com o radar dos seus olhos, o meu telefone está que parece uma sirene, um foco de luz.

Sinto-o a zumbir na mão, mas não olho para ele.

Há uma caixa de plástico com equipamento à sua frente. Ela ergue um pé gracioso até ao bordo superior da caixa e fá-la virar-se, espalhando discos de hóquei que zuniram pelo chão brilhante.

— Aqui para dentro — diz ela, dando um pontapé na caixa em direção a nós.

Todas a fitamos.

— Acho que não vamos caber todas — diz Beth.

A Treinadora, de rosto tão inexpressivo como a tabela de basquete que lhe estava acima, olha para Beth.

O momento prolonga-se, e os dedos de Beth chiam sobre a tampa pérola do telefone.

A Treinadora não pestaneja.

Os telefones, elas deixam-nos cair, todos eles. O de RiRi, o de Emily, o de Brinnie Cox, os restantes. O de Beth é o último de todos. Cores de bombons, um a um para dentro da caixa. Clique, claque, tlim, uma chocalhada chilreante de sinos, pios, um pulsar de discoteca, silenciando-se por fim sobre si mesmo.

Depois, há uma certa expressão no rosto de Beth. Já estou a ver como vão ser as coisas com ela.

— Colette French. — Ela sorri. — Parece nome de estrela porno, uma daquelas cheias de classe que não fazem cenas anais.

— Ouvi falar dela — diz Emily, ainda tonta e sem fôlego do último conjunto de movimentos do treino. As pernas de todas estão a tremer. — Levou o grupo de Fall Wood até às meias-finais do campeonato estadual.

— Meias. Meia. Do caraças. Épico — zumbe Beth. — Sê o sonho.
Os ombros de Emily afundam-se.

Na verdade, nenhuma de nós faz claque por glória, prémios, torneios. Talvez nenhuma de nós saiba sequer porque faz isto, exceto que é como um baluarte contra a rotina e as aflições gritantes do dia de escola. Usamos aquele blusão muito como uma armadura, em dias de jogo, sacudindo as saias. Quem nos poderia tocar? Ninguém poderia.

A minha questão é esta:

A Nova Treinadora. Teria ela olhado para nós nessa primeira semana e visto mais do que o cabelo lustroso e as pernas brilhantes, as nossas testas resplandecentes e as bravatas de miúdas? Visto, para lá de tudo isso, tudo o que estava por baixo, todas as nossas misérias, a forma como todas nos odiávamos a nós próprias e, ainda mais, todas as outras pessoas? Teria ela conseguido ver, para lá de tudo isso, alguma coisa mais, alguma coisa palpitante e real, alguma coisa no ponto de ser transformada, produzida, feita? Teria visto que poderia fazer-nos, meter as mãos nas nossas entranhas cintilantes e rangentes e fazer de nós magníficas gladiadoras?

3

PRIMEIRA SEMANA

Não é imediato. Nada de conversões de cair para o lado.

Mas, em cada dia dessa semana, a Nova Treinadora continua a manter o nosso interesse — um feito.

Deixamos que nos ensaie, fazemos os nossos movimentos na pista. Mostramos-lhe todas as nossas rotinas e mantemos tenso o bater das palmas e suave a execução das rodas.

Depois mostramos-lhe a nossa rotina mais proclamada, aquela com que terminámos a última temporada de basquetebol, montes de flip-flaps em formação e toques na ponta dos pés e um grande final onde todas nós elevámos Beth numa espargata, braços a formarem um V acima da cabeça.

A Treinadora quase parece estar a observar, com um pé colocado sobre a aparelhagem portátil vibrando ao som de *crunk*².

Então ela perguntou-nos o que fazíamos para além daquilo.

— Mas toda a gente adorou aquele número — pipilou Brinnie Cox.
— Quiseram que o fizéssemos de novo na cerimónia de formatura.

Todas queremos que Brinnie se cale.

A Treinadora é tão-só mais firme e rápida do que esperávamos, e nessa primeira semana damos conta disso. Plantada diante de nós, o seu corpo perfilava-se tão levemente, mas tão seguramente.

Não conseguimos perturbá-la, e ficamos surpreendidas.

Conseguimos perturbar toda a gente, não apenas o Peixe, mas a ga-

² Subgénero do hip-hop, que se desenvolveu no Sul dos EUA. [N. do T.]

leria sem fim de substitutos de espantalhos, professores de geometria em cujos ombros o pó se acumula e orientadoras cuja pele parece massa de crepe.

Encaremos o facto, somos a única animação em todo aquele túmulo de tetos falsos, tijolo e vidro que é a escola. Somos a única coisa que se mexe, respira, aparece.

E sabemos-lo. Conseguimos sentir em nós essa sapiência.

Olhem para elas, é o que ouvimos dizer — a toda a gente — quando, em Dia de Jogo, marchamos pelos corredores, como um todo, de rabos de cavalo a balouçar, saias como diamantes.

Quem acham elas que são?

Mas nós sabemos exatamente quem somos.

Tal como a Treinadora sabe quem é. É visível no seu distanciamento e na sua calma. Tão pouco preocupada com os nossos disparates. Entediada com eles. Um tédio que conhecemos.

De imediato, ganhou alguma coisa ali, mesmo se — ou porque — não o pediu, não se interessou. Não porque esteja entediada, mas porque não somos suficientemente interessantes para ela.

Ainda não, pelo menos.

No segundo dia, toma nos dedos um pedaço da flacidez de Emily. Olhos de duende, seios bojudos como maçãs, Emily ergue os braços languidamente acima da cabeça num bocejo épico. Oh, conhecemos esta rotina, a rotina que tanto provoca a Sra. Dieterle e faz o Sr. Callahan corar e cruzar as pernas.

A mão da Treinadora surge do nada e alcança o sítio posto a descoberto pela camisola de alças de Emily, repuxada para cima. Ela belisca a gordurinha e torce-a com força. Com tanta força que faz Emily soltar uma exclamação. Um arquejo, como um brinquedo de apertar.

— Trata disto — diz a Treinadora, erguendo os olhos da pele entre os seus dedos para os olhos contraídos de Emily.

Trata disto. Assim mesmo.

Trata disto? Trata disto? Emily a soluçar depois, no vestiário, e Beth rolando os olhos, a cabeça, o pescoço em círculos chateados.

— Ela não pode dizer coisas destas, pois não? — choraminga Emily. Emily, cujos seios insuflados e ancas em cascata são a alegria de todos os rapazes, de goela estendida para seguir os seus meneios, estican-

do-se ao longo das esquinas dos corredores apenas para ver aquela dança da saia.

Todos aqueles cartazes e anúncios e apresentações na aula de saúde sobre a imagem do corpo e a forma como se pode rebentar vasos sanguíneos na cara e romper o esófago se não se conseguir parar de meter pela garganta abaixo nozes de chocolate, recheio de goma e cobertura de coco, todas as noites, sabendo que terão de voltar para cima de novo, triste miúda fraca.

Por causa de tudo isto, a Treinadora *não pode*, seguramente, dizer a uma miúda, a uma miúda adolescente, sensível, consciente do seu corpo, para se livrar do pequeno pneu fofo da sua cintura, pois não?

Pode.

A Treinadora pode dizer tudo.

E ali está Emily, gemendo sobre a retrete, pedindo-me para lhe dar um murro no estômago para que consiga expelir o resto, toda aquela massa de bolos e doritos, o cheiro turva-me. Emily, uma miúda inteiramente feita de donuts, queijo em pó e gomas.

Dou-lhe, dou-lhe mesmo.

Ela faria o mesmo por mim.

Na quarta-feira, Brinnie Cox diz que poderá desistir.

— Não consigo — choraminga ela, a Beth e a mim. — Ouviram a minha cabeça bater no tapete na saída? Acho que Mindy fez de propósito. É fácil para uma Base. O corpo dela é como um grande pedaço de borracha. Não estamos treinados para acrobacias.

— Por isso estamos *a treinar* para acrobacias — digo eu. Sei que Brinnie preferiria sacudir pompons, abanar-se e dar palmadas no rabo metade do tempo, ou o tempo todo.

Brinnie é aquela que Beth e eu sempre suportámos com mais dificuldade, por irritação. «Não gosto daquelas dentolas dela, nem daquelas pernas de galinha», diria Beth. «Tira-a daqui.»

Uma vez, a treinar saltos duplos, Beth e eu comentámos em voz alta, pelo ginásio, acerca de como a porca da irmã de Brinnie foi apanhada com o assistente do curador, até Brinnie fugir para os chuveiros mais distantes para chorar.

— A única coisa que sei é que — cicia Brinnie agora por entre as dentolas — a minha cabeça está a acabar comigo.

— Se rompestes um vaso sanguíneo — responde Beth —, poderás estar a sangrar lentamente dentro da cabeça.

— Provavelmente, já tens uma lesão no cérebro — acrescento eu, fitando-a com atenção. — Lamento, mas é verdade.

— O sangue pode estar a esmagar o teu cérebro contra a parte lateral do crânio — diz Beth —, o que vai acabar por te matar.

Com os olhos de Brinnie arregalados, húmidos e a transbordar, sei que atingimos o nosso objetivo.

No último dia daquela primeira semana, a Treinadora convoca uma reunião especial.

Há textos ansiosos e chamadas telefónicas. Fala-se de cortes no grupo e sobre quem poderá sair.

Mas o seu anúncio é simples.

— Vai deixar de haver uma chefe de grupo — diz ela, perfilando-se diante de nós.

Toda a gente olha para Beth.

Conheço Beth desde o segundo ano, desde que entrelaçámos os corpos as duas dentro de sacos-cama, no acampamento das raparigas, desde que mutuamente nos irmanámos pelo sangue. Conheço Beth e consigo ler-lhe qualquer sobrolho levantado, qualquer girar dos pés. Ela suporta certas coisas — o cálculo, os cartões da escola, a mãe, os sinais de stop — com um desprezo duro como aço, que a torna difícil.

Uma vez mergulhou a escova de dentes da mãe na retrete, e chama «Toupeira» ao pai, embora nenhuma de nós consiga lembrar-se porquê, e houve um tempo em que chamava à nossa professora de educação física uma cona aberta, embora ninguém o pudesse provar.

Mas há outras coisas acerca dela que nem toda a gente sabe.

Monta a cavalo, tem uma biblioteca secreta de literatura erótica, mede pouco mais de metro e meio, e, apesar disso, tem as pernas mais fortes que alguma vez vi.

Posso ainda dizer isto: no oitavo ano, não, no verão a seguir, numa festa de cerveja, Beth pôs a sua boca de rapariguinha trocista no Ben Trammel, sabem onde. Lembro-me da visão. Ele sorria, segurando-lhe a cabeça, agarrando-lhe o cabelo como se tivesse apanhado uma truta com as mãos, e toda a gente descobriu. Eu não contei. As pessoas ainda falam acerca disso. Eu não.

Nunca soube porque o fez, ou as outras coisas que fez desde então. Nunca perguntei, é assim que somos.

Não julgamos.

Porém, a coisa principal acerca de Beth é esta: ela sempre foi a nossa chefe, a minha chefe, mesmo na infantil, no preparatório, depois no secundário e, agora, nas competições importantes.

Beth foi sempre a chefe, e eu a sua implacável lugar-tenente, desde o dia em que ela e eu, depois de três semanas de saltos e rodas juntas, no quintal dela, formámos grupo pela primeira vez.

Ela nasceu para isso, e nunca pensámos em fazer claque de nenhuma outra forma.

Por vezes, acho que ser a chefe é a única razão até para Beth vir à escola, se preocupar com qualquer uma de nós, com seja o que for.

— Não vejo qualquer necessidade de uma chefe. Não vejo o que ganharam com isso — diz a Treinadora, relanceando Beth. — Mas agradeço os teus serviços, Cassidy.

Entrega-me o crachá, a tua arma.

Todas calcam os ténis ansiosamente, e RiRi espreita dramaticamente Beth, arqueando as costas todas para ver a reação dela.

Mas Beth não tem reação nenhuma.

Beth não parece importar-se nada.

Nem se deu ao trabalho de bocejar.

— Tinha a certeza de que iria ser mau — sussurra-me Emily, mais tarde, fazendo saltos com agachamento no vestiário. — Como quando ela ficou louca com aquele professor de matemática e lhe riscou o carro.

Mas, conhecendo Beth, imagino que passará algum tempo antes de vermos a sua verdadeira reação.

— Como será agora fazer claque? — pergunta-se Emily, impulsio-nando-se sem fôlego, desbastando o corpo. Tratando dele. — Qual o significado?

O que significa, em breve o veremos, é que se acabam as horas gastas a falar sobre dietas de limonada e sobre quem fez um aborto durante as férias de verão.

A Treinadora não tem qualquer interesse nisso, claro. Diz-nos que seria melhor agirmos em conjunto.

No final dessa primeira semana, regime novo, as nossas pernas estão

frouxas e moles, os corpos falhos. Os nossos movimentos menos do que tensos. Ela diz que parecemos desmazeladas e infantis, como criancinhas de Disney num desfile flutuante. Tem razão.

E então, para nós, é subir e descer bancadas.

Oh, conhecer esse sofrimento. Calcorrear aquelas bancadas para cima e para baixo ao ritmo do seu apito incessante. Vinte e uma bancadas altas e quarenta e três mais baixas. Outra vez, e outra, e outra.

Sentimo-las nas canelas, no dia seguinte.

Na coluna.

Sentimo-las em toda a parte.

Escadaria para o inferno, é o que lhe chamamos, que Beth classifica como má poesia.

Porém, quando chegamos ao treino de sábado, já começamos — algumas de nós — a ansiar por aquele sofrimento, que sentimos como alguma coisa real.

E sabemos que ficaremos bastante mais rápidas, e sem lesões, porque cumprimos uma rotina apertada.

4

SEGUNDA SEMANA

Subir e descer bancadas é castigador, e sinto o corpo todo a estremecer — *pum-pum-pum* — os dentes a bater, é quase um transe — *pum-pum-pum, pum-pum-pum* — sinto-me quase como se pudesse morrer dessa dor em expansão — *pum* — sinto-me como se o corpo pudesse explodir em pedaços, e continuamos, continuamos, continuamos. Não quero que pare nunca.

Tão diferente de como era dantes, todos aqueles dias em que passávamos o tempo a pintar as unhas e a fazer tatuagens temporárias, sempre à espera da Capitã Beth, que apareceria dez minutos antes da hora do jogo, depois de ter fumado um charro com Todd Grinnell ou de ter gargarejado com *schnapps* de hortelã-pimenta por trás da porta do cacifo, e ainda nos deslumbrar, saltando como um foguete para cima dos ombros de Mindy e de Cori e estirando-se num Arabesco.

Nessa altura, era difícil que nos importássemos, tão frouxos e fracos eram os nossos movimentos. Apenas nos pintávamos às listas reluzentes e saltávamos como carpas e abanávamos o rabo para Kanye. Todos nos adoravam. Sabiam que éramos umas putinhas sensuais. Era o suficiente.

Claquebutantes, era o que eles nos chamavam, os professores.

Claquelebridades, era o que nós chamávamos a nós próprias.

Passávamos as nossas temporadas a deambular, um rebanho arrebanhado, rabos de cavalo do mesmo comprimento, sapatilhas *Nfinity* a condizerem, tudo estava em sincronia, pestanas salpicadas de dourado, e ninguém nos podia tocar.

Mas havia algo de preguiçoso nisto, vejo agora. Uma comichão re-

belde, e por vezes até eu olhava para os outros miúdos que enchiam as salas de aula, os adeptos dos debates e os indefetíveis fotógrafos do livro do ano, e as rapariguinhas de pernas roliças, e as raparigas da banda a balançarem os estojos amassados dos violinos, e perguntava-me como seria uma pessoa interessar-se tanto.

Agora tudo é diferente.

Beth suga a sua palhinha, a chiadeira irrita-me.

Eu deveria estar em casa, a desenhar parábolas, e em vez disso estou no carro de Beth, ela precisa de estar fora de casa, para se impedir de ouvir o roupão de seda da mãe a roçar pelo corredor.

Beth e a mãe, um casal de impalas, de cornos cruzados desde que Beth começou a falar, desde que lhe deu a primeira resposta torta.

— A minha filha — bichanou-me uma vez a Sra. Cassidy, untando o pescoço com carradas de *crème de la mer* — é uma delinquente desde o dia em que nasceu.

Então meti Beth no carro, pensando que uma volta poderia operar uma magia calmante, como num bebé com cólicas.

— O teste é amanhã — disse eu, passando o dedo pelo livro de cálculo.

— Ela vive em Fairhurst — disse ela, ignorando-me.

— Quem?

— A French. A Treinadora.

— Como sabes?

Beth nem sequer encolhe os ombros, nunca por nunca responde a uma pergunta a que não lhe apetece responder.

— Queres ver? É bastante sem graça.

— Não quero ver — disse eu, mas quero. Claro que quero.

— Isto tem a ver com aquela coisa de ser chefe? — digo eu muito baixinho, como se não tivesse a certeza de querer dizê-lo em voz alta.

— Qual coisa de ser chefe? — diz Beth, sem sequer olhar para mim.

A casa em Fairhurst não é pequena. Uma quinta de dois andares. É uma casa, o que posso eu dizer? Tem qualquer coisa, é verdade. Sabendo que a Treinadora está lá dentro, atrás da grande janela panorâmica, a luz fulva e suave, parece mais do que é.

Há, no caminho, um triciclo com finos cadilhos cor-de-rosa no guiador, sacudidos pelo ar noturno.

— Uma menina pequena — diz Beth, como se achasse fixe. — Ela tem uma menina pequena.

— Não pensem numa pirâmide como um objeto estático — diz-nos a Treinadora. — Nem pensem nela sequer como uma estrutura. É uma coisa viva.

Com o Peixe, quando fazíamos pirâmides, costumávamos pensar nisso como uma forma de nos empilharmos. Construí-la camada a camada.

Agora estamos a aprender que a pirâmide não tem a ver com miúdas a treparem umas para cima das outras e ficarem imóveis. Tem a ver com dar respiração a algo novo. Em conjunto. Cada uma de nós um órgão singular que alimenta os outros órgãos, criando alguma coisa maior.

Estamos a aprender que os nossos corpos são uma coisa nossa e que são o corpo do grupo e isso é tudo.

Estamos a aprender que somos as únicas pessoas do mundo quando estamos no chão. Usaremos os nossos sorrisos, tensos e sem significado, mas, por dentro, a única coisa que nos importa é a Exibição. A Exibição é tudo.

Na base, as nossas miúdas nucleares, Mindy e Cori, os meus pés nos ombros de Mindy, o seu corpo a vibrar através do meu, o meu a vibrar através de Emily, em cima de mim.

As Intermédias no seu lugar, a Volante eleva-se, não trepando, não sendo içada, não é uma escadaria, uma série de passos entediantes. Não, nós pulamos e balançamo-nos para elevar toda a gente, e o ímpeto adquirido faz com que se compreenda que se é parte de qualquer coisa. Alguma coisa real.

— Uma pirâmide é um corpo, precisa de sangue, de batimentos e de calor. UM, DOIS, TRÊS. O que a mantém ereta, o que a mantém viva é a ligação dos vossos corpos, é o ritmo que vocês constroem em conjunto. A cada avanço na contagem, estão a tornar-se uma só, estão a criar vida. QUATRO, CINCO, SEIS.

E sinto Mindy por baixo de mim, a fibra do seu sustentáculo, mexemo-nos como uma única pessoa, elevamos Beth e ela também é parte de nós, e o sangue dela corre dentro de mim, o coração dela bate com o meu. O mesmo coração.

— O único momento em que a pirâmide fica estática é quando a tornam estática — diz a Treinadora. — Todos os vossos corpos são um corpo, e NÃO SE MEXEM. São de mármore. São de pedra.

»E não se moverão porque não serão capazes, porque vocês não são aquela gaja boa a abanar-se pelo corredor, aquela tipa de rabo de cavalo a abanar, a boca cheia de nadas. Não são bonitas, não são coisinhas jovens e giras, não são sequer miúdas, nem mesmo são pessoas. Vocês são a parte mais vital de uma coisa, a coisa perfeita. Até que, SETE, OITO, e...

»Fazemos explodir tudo em bocados.

Depois, de corpo gasto, membros lassos, interrogamo-la.

Sem transpiração e muito direita, baixa os olhos para os nossos quadris massacrados, garrafas de água a rolares sobre os nossos peitos e testas.

— Treinadora, onde fez o secundário? — pergunta uma de nós.

— Treinadora, como é o seu marido?

— Treinadora, o carro no parque de estacionamento da escola é o seu ou o do seu marido?

Tentamos, todos os dias, a maior parte de nós. A informação chega lentamente, sinuosamente. Tinha feito o secundário em Stony Creek, o marido trabalha num escritório de um edifício espelhado da baixa, e ele comprou-lhe o carro. Quase não era informação nenhuma. Poder partilhar tão pouco e ainda assim partilhar alguma coisa.

Tão concentrada, tão atenta, só responderia a perguntas quando tivéssemos feito as nossas corridas, feito a ponte, as nossas centenas de abdominais, de costas a escorregarem e chiarem no chão.

Aquela beleza, aquela beleza luminosa e irradiante que ela usa quase como uma coisa vergonhosa, um folho que ela repuxa constantemente, um amuleto tilintante que silencia com a palma da mão.

É quando está a afastar-se de nós, é quando já nos dispensou que RiRi a chama:

— Ei, Treinadora, ei, Trei-naa-doora. O que é isso no seu tornozelo? A tatuagem estende-se acima da meia curta, uma mancha violeta.

— Treinadora, o que é?

— Um erro — diz ela. Aquela vozinha difícil dela. *Um erro.*

...

Ah, treinadora de nervos de aço com um passado estouvado, um passado indecente.

— Aposto que a encontramos num episódio antigo de *As Miúdas Passaram-se: Os Anos Pré-históricos*. — É Beth que diz, claro. No portátil de Emily. Beth digita o nome da Treinadora no YouTube, a ver que peixe cai na rede.

Não encontra nada. De certo modo, eu sabia que não encontraria. De alguém com nervos tão de aço, não se poderia encontrar nada.

Depois do treino, uma Emily em redução, de costas esparramadas no linóleo do chão do vestiário, enrola o estômago sobre si própria, vezes sem conta, lutando para ficar mais apertada, afilando-se de acordo com as especificações da Treinadora. Fico com ela, seguro-lhe os pés em baixo, impeço-lhe os tornozelos grossos de rodarem.

E afinal a Treinadora também não se foi embora. Está no seu gabinete a falar ao telefone. Vemo-la pelo vidro, abrindo e fechando as persianas, a mão em volta da haste de plástico. Olhando pela janela para o parque de estacionamento. Aberto, fechado, aberto, fechado.

Quando desliga, abre a porta do gabinete. O sussurro silencioso da porta a abrir-se, e começa.

Ela abre a porta e vê-nos, e o seu aceno de cabeça, autorizando a entrada.

O gabinete cheira a fumo, como o sofá na sala dos professores com aquela nódoa difícil no centro afundado. Toda a gente tem uma história sobre aquela nódoa.

Há uma fotografia na secretária da sua menina pequena. A Treinadora diz que o nome dela é Caitlin e que tem quatro anos, tem uma boca indefinida, a pele encarniçada e olhos tão estupidamente vítreos que me pergunto como é que alguém tem filhos.

— É tão gira — atirou Emily abruptamente. — Como uma boneca, ou assim.

Como uma boneca, ou assim.

A Treinadora olha para a fotografia, como se nunca a tivesse visto antes. Semicerra os olhos.

— Estão furiosos comigo, no jardim infantil — diz ela, como se estivesse a pensar nisso. — Sou sempre a última a ir buscar. A última mãe, pelo menos.

Pousa a fotografia e olha para nós.

— Lembro-me dessas — disse ela, indicando com a cabeça as pulseiras sedosas que nos enfaixam os antebraços.

Diz-nos que as fazia quando era miúda e não conseguia acreditar que estavam outra vez na moda. Pulseiras da amizade, chama-lhes ela. Mas nós nunca lhes chamaríamos isso.

— São apenas pulseiras — digo eu.

Ela fita-me, acendendo um cigarro com um velho e frágil fósforo, como o homem que nos vende jarros de vinho nas traseiras da sua loja em Shelter Road.

— Chamávamos a esta a Serpente em Volta do Mastro — diz ela, erguendo com um dedo em forma de gancho a que Emily trazia no pulso, de cigarro cintilante.

— Essa é uma Escada Chinesa — digo eu. Não sei porque continuo a corrigi-la.

— E esta o que é? — diz ela, tocando-me no pulso, o rubor da ponta do cigarro na minha pele.

Olho para ela, e para o dedo bronzeado e fresco da Treinadora.

— É uma de Nós-do-Amor. — Emily faz um sorriso. — Essa é a mais fácil. Eu sei quem te fez essa.

Não digo nada.

A Treinadora olha para mim.

— Os rapazes não fazem dessas.

— De certeza que não — diz Emily, e quase se pode ver a sua língua estalar.

— Nem sequer sei quem ma deu — digo.

Mas então lembro-me de que foi Casey Jaye, aquela rapariga com quem fiz *tumbling* no acampamento da claqué do verão passado, mas Beth não gostava dela e o acampamento de qualquer modo chegou ao fim. É engraçado como as pessoas que conhecemos no acampamento podem parecer tão próximas e, depois, o verão acaba e nunca mais as vemos.

A Treinadora tem os olhos em cima de mim, e há a sombra de uma covinha ao canto da sua boca.

— Mostra-me — diz ela, apontando com o cigarro. — Mostra-me como fazer nós do amor.

Digo que não tenho fio, mas Emily tem, no fundo do seu saco mole com uma grande alça.

Mostramos-lhe como fazer, depois observamo-la a entrançar os fios, para a frente e para trás. Aprende tão depressa, os dedos voam. Pergunto-me se existe alguma coisa que não consiga fazer.

— Lembro-me — diz ela. — Vejam este.

Mostra-nos como fazer uma chamada Língua de Gato, que é como uma Escada Partida cruzada com um entrançado simples, e uma outra a que ela chama a Grande Má que não consigo acompanhar de todo.

Quando termina a Grande Má, fá-la rodopiar no dedo e atira-ma. Vejo o rosto de Emily estremecer de inveja.

— Isto é tudo o que vocês fazem para se divertirem? — diz ela.

E não, não é.

— Foi como se ela realmente estivesse interessada nas nossas vidas — diz Emily depois a toda a gente, fazendo rodar com os dedos a minha pulseira nova.

— Patético — diz Beth. — *Eu* nem sequer estou interessada nas nossas vidas. — Introdz o dedo debaixo da pulseira e puxa-puxa-puxa até que ela é arrancada do meu pulso.

No dia seguinte, depois da escola, no parque de estacionamento, vejo a Treinadora a caminhar para o seu pequeno chaço jovialmente prateado.

Estou a fazer tempo, de garrafa de refrigerante *diet* na mão, à espera de Beth, que é a minha boleia e ocasionalmente acha adequado fazer-me esperar enquanto fala com o Sr. Feck, que lhe dá resmas de esvoaçantes passes de circulação cor-de-rosa da gaveta da secretária.

Nem sequer me dou conta de que a Treinador me viu até ela me chamar, inclinando rapidamente a cabeça na direção da porta aberta.

— Então, vamos lá — diz ela. — Entra.

Como se soubesse que eu estivera à espera do convite.

A conduzir, a Treinadora agita um daqueles estranhos sumos de aparência lamacenta que está sempre a beber, e nos faz sentir a sua crueza nos dentes. Acho que nenhuma de nós alguma vez a viu comer.

— Vocês, miúdas, têm montes de maus hábitos — diz ela, mirando o meu refrigerante.

— É de dieta — digo eu, mas ela continua a abanar a cabeça.

— Vamos pôr-te no caminho certo. O tempo dos almoços de Funyuns³ e dos solários acabou, menina.

— Está certo — digo eu, mas não devo parecer muito convincente. Em primeiro lugar, nunca comi um funyun na minha vida.

— Vais ver — diz ela. O pescoço e as costas tão direitos, as sobrancelhas arranjadas como arcos precisos. O fulgor dourado da pulseira de ténis e o brilho elegante do cabelo. É tão perfeita.

— Então, qual daqueles jogadores é o teu namorado? — pergunta a Treinadora, olhando pela janela.

— O quê? — digo eu. — Nenhum deles.

— Não tens namorado? — Endireita-se um pouco. — Porque não?

— Não há muita coisa que me interesse em Sutton Grove High — digo eu, como Beth poderia dizer. Miro o maço de cigarros na consola entre nós, imaginando-me a tirar um e a pô-lo na boca. Ela impedir-me-ia?

— Diz-me — diz ela. — Quem é o tipo com todos aqueles caracóis? — Bate na testa. — E o nariz torto?

— Na equipa? — pergunto eu.

— Não — diz ela, inclinando-se um pouco para o volante. Vejo-o a correr na pista com aqueles ténis altos com caveiras.

— Jordy Brennan? — digo eu.

Havia um grupo: dez, doze tipos com quem se poderia vadiar, em quem se poderia esfregar o ventre e respirar o hálito a cerveja nas festas, de quem se poderia coser o nome no blusão durante uma semana, um mês.

Jordy Brennan não era um deles. Ele limitava-se a estar ali, apenas. Mal era uma piscadela no ecrã da minha escola.

— Nunca pensei nele — digo eu.

— É giro — diz ela. A forma como inspira, girando o volante, podemos senti-la a pensar tudo acerca de Jordy Brennan, apenas durante esse segundo.

E, então, também eu penso nele.

A camisa a subir-me pelas costas, as mãos quentes e ousadas de Jordy a deslizarem por lá, e, sem saber como, a saia da claque é torcida em volta da minha cintura, empurrada acima da barriga, as mãos dele também lá

³ Aperitivo com sabor a cebola. [N. do T.]

estão, e as minhas enroladas como pequenas bolas de nervos, e irei mesmo fazê-lo?

Isto é na minha cabeça, estes pensamentos, enquanto me inquieto sob a coberta verde de Sutton, na cama, nessa noite. Nunca antes me tinha acontecido desta maneira, uma dor aguda ali em baixo, mesmo ali, e um pulsar tut-tut-tut, tão ofegante.

Jordy Brennan, para quem nunca olhei o tempo suficiente para pes-tanejar duas vezes.

A seguir, quase ligo a Beth para a nossa autópsia noturna, mas depois decido não o fazer.

Acho que estará zangada comigo por não esperar por ela depois da escola. Ela está bastante zangada comigo, especialmente desde o último acampamento da claque, quando as coisas começaram a mudar entre nós. Comecei a ficar cansada dos meus deveres todos como lugar-tenente, e das suas declarações de que não havia prisões, e comecei a fazer exercícios com outras raparigas do acampamento. Afetou muito as coisas entre mim e Beth. A nossa história é longa e amarra-nos bem amarradas.

Sendo assim, em vez disso ligo a Emily e falo com ela durante uma hora ou mais acerca de lançamentos ao cesto e das suas dores nas canelas e da cera tropical que Brinnie Cox comprou nas Bermudas para arrancar todo aquele pelo feminino.

Tudo menos rapazes e a Treinadora. A minha cabeça, quente e a estalar. Quero serená-la. Quero silenciá-la, silenciá-la, e junto as pernas, tensas como hastes de uma pinça, e esmago o estômago sobre si próprio. Escuto por horas infindas a voz guinchada de Emily, a forma como se atabalhoa, e apita, e volteia pelo ar sem nunca jamais dizer coisa alguma.